

TERCEIRO ATO

(PRAÇA DO FERREIRA (4) É DIA. HÁ GRANDE MOVIMENTO. VÊM-SE TRANSEUNTES, VENDEDORES DE JORNAIS E DE BOLAS, ENGRAXATES, MENDIGOS, ALEIJADOS IMPLORANDO A CARIDADE PÚBLICA; CAMBISTAS APREGOANDO BILHETES DE LOTERIA E RIFAS, ETC.)

(MASSU ENTRA PUXANDO CALU POR UM BRAÇO/
E.B.)

CENA I

Viúva e Calu

VIÚVA — Anda, Calu. Deixa de ser acanhado. É preciso abandonar esses teus modos rústicos.

CALU — Eu tou é areado cum esse arrebolicho medonho de gente! É pió do que dia de feira lá no sertão. (O. TOM) Laigue o meu braço.

VIÚVA — Não fale comigo tão grosseiramente, Calu. Dize assim: (COM DENGUICE) Larga o meu braço, Massu.

CALU (ARREMEDANDO-A) Laiga o meu braço, Massu. (O. Tom) Eu já tou é c'o braço quage discunjuntado só dos seus puxavantes. Eu tou munto magro mode agüentar arrepuxo. É só: (ARREMEDANDO-A) “Sai do trio, Calu; lá vem o bonis!...” “Assóbe a carçada, Calu; óia o astromove...”

CENA II

Os mesmos e Badaró

BADARÓ (ENTRANDO D.B.) — Automóvel?! Precisam de um auto?!... O 32 (5) está às suas ordens. Vou buscá-lo.

VIÚVA — Não senhor. Muito obrigada. Não é preciso.

(4) Principal logradouro de Fortaleza; desde 1871 assim denominado em homenagem ao Boticário Antônio Rodrigues Ferreira, presidente da Câmara Municipal na gestão 1843 - 1859

(5) Placa do carro.

BADARÓ — Mas que casazinho de chupeta... (ALTO) Então, decididamente, não querem um auto.

CALU — Inhor não. Nem arto e nem baixo. Só se a Massu querê, eu pro mim, num quero não.

VIÚVA (BAIXO A CALU) — Não puxa conversa não, Calu.

CALU — Antonce eu já tou improibido inté de falá. Quererá me arróia!...

VIÚVA — Não. Mas é que dizes cada inconveniência...

BADARÓ (RINDO) — Deixe o rapazinho falar. Ele, pelo que mostra, parece ser até inteligente... (TROÇANDO-O) Fala, bichinho; ela não ralha não.

CALU (ARREMEDANDO-O) — Fale, bichim, ela num raia não.

Cena III

Os mesmos e a Moda.

BADARÓ — Tão engraçadinho! (RI-SE E DEPOIS, AVISTANDO A MODA) Ah! Eis a Moda, que surge.

CALU — Ou moção badeja! Ôrra dianga! Inté parece a Norata.

BADARÓ — É o último figurino!

CALU — Mais viuge!... Agora é que eu arreparei. Tá tão pouco vestida. Credo!

VIÚVA — Chega-te p'ra cá, Calu.

CALU (ARREMEDANDO-A) Chega-te p'ra cá, Calu. (O.T.) Deixe eu vê a muié de perto. Ela num me come não. (APROXIMANDO-SE) Antonce vamicê é que é a Moda?!...

A MODA — Sou. (CANTA)

Assim garbosa, elegante,
Tendo nos lábios o riso,
Me apresento triunfante,
Pois a Moda eu simbolizo.

CALU —

Lá no sertão num se vê
Essa Moda qui hai agora.
É da gente se benzê...
Credo em cruz!... Nossa Senhora!...

A MODA —

Bem curto o vestido,
Mostro os braços tentadores.
Trago um decote atrevido...
Eu sou a Moda, senhores.

VIÚVA E BADARÓ —

Bem curto o vestido
Mostra os braços tentadores.
Traz um decote atrevido
El'é a Moda, senhores.

A MODA —

Seja moça, ou velha seja,
Comigo não se amedronta.
Toda a gente só deseja
Andar sempre, assim, na ponta.

CALU —

Deixa a gente aparvaiado,
Essa moda perigosa.
Chega eu tou arrupiado...
Ou qui coisa inscandelosa!
(A MODA SAI DANÇANDO)

Cena IV

Calu, Viúva e Badaró

CALU — S'ela se alembrasse de aparecê lá pulo sertão, eu acho que meu Padrim mandava o Cabo Quelemente prendê ela.

BADARÓ — Pois é esta a moda que existe agora. Vestido curto, pernas de fora. (O.T.) É mais econômico, sabe?!

CALU — Conômico?!

BADARÓ — Sim. Muito mais econômico. Com meio metro de fazenda, faz-se, hoje em dia, um vestido.

CALU — Apois eu achava mió a gente andá logo de tanga, ou antonce de sunga. (BADARÓ RI-SE)

VIÚVA — Calu?!...

CALU — O qui foi, Massu?

VIÚVA — Deixa de ser inconveniente, Calu.

CALU (ARREMEDANDO-A) Deixa de ser inconveniente, Calu!...

BADARÓ (À PARTE) — Havia de ser até engraçado esse marmanjo de tanga ou de sunga. (COM SERIEDADE, PARA MASSU) Diga-me uma cousa, minha senhora; é seu filho, esse mamífero, da família dos ourango-outango?

CALU — Da famia dos ourangotango, inhor não. Eu sou mais é da famia dos Camapum.

BADARÓ — Dos Camapum?! Ah! Ah! Ah! Ah!

VIÚVA — Deixe de troça, senhor.

BADARÓ — Mas, minha senhora. Esse seu filho mesmo é engraçado.

CALU — Ora, fio dela.

VIÚVA — Qual filho, senhor! Não vê que eu não tenho idade de ser sua mãe!...

CALU (À PARTE) — A Mamãe tá lá no sertão. Num é véia assim não. Tá inté bem conséivada. É bichão.

BADARÓ (TROÇANDO-A) — Queira desculpar-me. Agora reparo que a senhora é muito criança ainda.

VIÚVA (PASSANDO) — E este jovem... é meu noivo.

- BADARÓ (ESPANTADO) — Seu noivo?! É seu noivo realmente?!
 (À PARTE) Homem, nesta terra a gente vê de tudo. (ALTO, A CALU) Então, beleza, é sua noiva, hein?!
- CALU — Ela diz qui é.
- BADARÓ (À MASSU) — E onde desencantou a senhora esse lubisomem?!
- CALU — Lubisome é ele.
- BADARÓ (À MASSU) — Desencantou-o aqui mesmo?
- VIÚVA — Não senhor. Fui ao sertão; vi-o, e fiquei logo apaixonada. Eu tenho o coração muito inflamável...
- BADARÓ — Sim?! Pois acho conveniente segurá-lo.
- VIÚVA — Segurá-lo?!...
- BADARÓ — Perfeitamente.
- CALU — E cuma?
- BADARÓ — Fazendo um segurozinho contra o fogo.
- CALU — Voutes! Só coivara!...
- BADARÓ — Eu tenho uma tia, também assim... inflamável. E estou resolvido a segurá-la contra o fogo.
- VIÚVA — O senhor não tem escrúpulo de contar uma história destas?
- BADARÓ — Escrúpulo?! Já os tive. Até em quantidade, sabe? Mas hoje já está quase esgotado o estoque. Estou ficando desprevenido...
- CALU — O papai tomém tem estoque.
- BADARÓ — Mas, para quando está projetada a realização desse esquitático e hórrido conúbio?
- CALU — Conubo? Qui diabo é canubo. Massu?
- BADARÓ — Conúbio é casamento, meu cheiro.
- CALU — Meu cheiro é ele. Antonce aqui casamento é conubo?
- BADARÓ — É, sim.
- CALU — Apois o meu conubo a Massu dixe qui era no dia 30.
- BADARÓ — Então, fico com o auto, desde já, fretado para o dia 30. Quero testemunhar essa calamidade. É o 32 hein!... (CUMPRIMENTANDO) Passar bem, insigne matrona. Adeus, escanifrado mancebo. (SAI RINDO)
- CALU (ACOMPANHANDO-O COM A VISTA E LIMPANDO A MÃO) — Mão de sebo!... Mão de sebo é ele... Ora boca de sebo! (À MASSU) Quem é aquele sujeitinho amalucado, Massu?
- VIÚVA — Eu sei cá. Eu bem te avisei que não puxasse conversa.
- CALU — Apois ôcê já viu qui sujeitim mais gailhato!... Cum bocão dest'amanho arreganhado; só se rindo, só mangan-do da gente.
- VIÚVA — Esse povo daqui é assim mesmo. Gosta muito de trocar.
- CALU — Apois ele qui vá troçá do diabo qui o carregue. Eu num sou de prosa não.

Cena V

Calu e Massu

VIÚVA — Tem paciência, Calu. Não te ralhes. Acima de todas estas pequenas contrariedades, está o nosso amor.

CALU (À PARTE, ARREMEDANDO-A) — O nosso amô...

VIÚVA — Sim. Deus criou o Calu para a Massu...

CALU — Terá sido mêrmo... (À PARTE) Agora se foi p'a Norata...

VIÚVA — Depois do Lulu, és tu a criatura a quem mais amo na vida.

CALU — O Lulu?! E quem é esse freguês?

VIÚVA — Um cão.

CALU — Ôi!... É o cão?!

VIÚVA — É. Como eu serei feliz entre vocês dois.

CALU (CONSIGO) — Ora façum idéa! Eu duma banda e o cão da outa. (ALTO) Eu num quero negócio c'o cão, não. (À PARTE) Era só o que fartava eu butá a minh'arma no inferno pro causo dessa véúva. Eu logo vi qu'ela tinha pauta c'o dimonhe.

VIÚVA (APROXIMANDO-SE) — Não tenhas ciúmes do pobre cão, Calu.

CALU — Eu lá tenho ciúme do cão!

VIÚVA — Quando o vires, há de estimá-lo.

CALU — Quando eu vê?! Eu lá quero vê o cão. Mode coisa que gira. Eu ri ele uma vez pintado, e fiquei todo arrupiado.

VIÚVA — O meu cão! Viste-o pintado?...

CALU (À PARTE) — E ela chama é "o meu cão". (O.T.) Eu ri. O papai me amostrou. Cada chifre dest'amanho e um espeto na mão que era um bruto.

VIÚVA — Oh, Calu! Pois tu confundes o cão com Satanás?!

CALU — E apois!... E Satanás não é o cão?!

VIÚVA — Não. O cão de que te falo, é um cachorrinho.

CALU — É cachorro?!

VIÚVA — É. Cão, nós chamamos aqui, é cachorro.

CALU — E cachorro como é qui chamum?

VIÚVA — É cão.

CALU — Pra façum idéa! Antonce cachorro é cão, e o cão é cachorro?!

VIÚVA — É.

CALU — Ou gente p'a inventá besteira só é essa do Ceará. (OUTRO TOM) É o Lulu morde, Massu?

VIÚVA — Qual! É uma tetéia! Um bijuzinho. São os meus maiores afetos no mundo; tu, Calu, e o Lulu.

CALU — O que? Apois você quererá me iguaiá cum cão?! Eu arralie se a mamãe subé disse cuma nun vai ficá danisca!...

Cena VI

Os mesmos e o Tanguinho.

CALU — Qui dimonhe é aquele, Massu?

VIÚVA — É o Tanguinho.

TANGUINHO — (CANTA)

Todo contentamento
Todo cheio de ardores
O Tanguinho moderno
Ai! Ai!

Eu aqui represento,
Senhores!...

Não gostar-se de um tango,
Assim bem requebrado,
Parece coisa impossível
E é, de certo, até pecado.

Toda moça alegre fica,
Se de um tango ouve o som;
E diz logo, a peneirar-se:
“Ai meu Deus, como isto é bom!...”

Todo contentamento
Todo cheio de ardores
O tanguinho moderno
Eu aqui represento,
Senhores!...

Vejam lá o meu garbo!
Que elegância sem par!...
Não há, de certo, senhores,
Quem me possa suplantar!

Saltitante e feiticeiro,
Predileto eu sou do povo,
Que é perdido por um tango
Do Maestro Silva Novo. (6)
(SAI DANÇANDO)

(6) Euclides da Silva Novo (n. 15/08/1889, Santana de Ipanema/AL — f. 01/03/1970 Rio J.-RJ), um dos mais destacados músicos da história da música cearense. Formado pelo Instituto Nacional de Música (1912), chegou ao Ceará em 1919 como mestre do Colégio Militar. A partir de então musicava a maioria das letras de Câmara para peças de teatro.

Cena VII

Calu e Viúva

CALU — Mas que bichim infuluido e desinquieta! É vê tetéu!...
Chega me deu inté rontade de isticá a baladeira. (PUXA
A BALADEIRA DO BOLSO)

VIÚVA — Esconde isto. Calu. Pode aparecer por aí algum guarda e prender-te.

CALU — Prendê eu? Pro mode u'a baladeira!... Ist'aqui no Ceará é aima de fogo? Massu?

VIÚVA — Certamente que não. Mas é que podem reçar que quebres com ela alguma vidraça.

CALU — Ora quano é qui eu podia nunca maginá qui baladeira era arma improibida! Tomém aqui no Ceará imbruíam tudo. Nunca mais é de m'esquecê: cachorro é cão, cão é cachorro, casamento é conubo, e baladeira, aima de fogo!

UM PEQUENO (COM UM TABOLEIRO) — Não querem comprar fregueses? É asseadinho. É da casa de Sinha Dona Ofrásia de seu Capitão Ponciano.

CALU — Eu quero, Massu. Eu quero taboleiro.

MASSU — Pois tu queres comer na rua, Calu, feito menino?!

CALU — Que que tem isso?! Eu quero. Eu sou menino mêrmo qui a mamãe dixeu.

O PEQUENO — Queijadinhas, pastéis, empadas, língua de mulata.

CALU — Língua de mulata? Compra pra eu, Massu; eu quero inspromentá língua de mulata.

(MASSU COMPRA, E CALU ENCHE A BOCA) (O PEQUENO RETIRA-SE APREGOANDO)

VIÚVA — Agora, Calu, vamos à Igreja do Patrocínio. (7)

CALU (COM A BOCA CHEIA) — Eu quero é mais é vê o má.

VIÚVA — Depois. Em primeiro lugar vamos cuidar das nossas bodas.

CALU — Qui dimonhe é bôda?!

VIÚVA — O nosso casamento.

CALU — Ind'agora era conubo, agora já é bôda... Voutes!

VIÚVA — Vamos tratar dos banhos.

CALU — Ai, home! Eu tou inté percisando de banho. Dêrna que rim do sertão, eu ainda num me larrei. Lá no hotel onde ôcê me adepositou, na praça da Estação, num dão nem banho na gente. (8)

(7) Na Praça Marquês de Herval (hoje, José de Alencar) Sua construção data de 1850.

(8) Praça Castro Carreira. A sede da Companhia Cearense da Via Férrea de Baturité, atual **Rede Viação Cearense**, está aí localizada.

VIÚVA — Vamos, Calu. Senão a Igreja se fecha.

CALU — Apois ramo lá. Num é preciso agarrá no meu braço não. (SAEM D.A.)

Cena VIII

Cel. Montezumba, Pedro Arregalado, Cabo Quelemente e um transeunte. Os três primeiros entram de um lado (E.A.), e o transeunte do outro, (D.B.).

TRANSEUNTE — Que tipos mal'amanhados serão aqueles?! Parecem matutos.

CORONEL (APROXIMANDO-SE) — O sinhô num viu passar pur cá uma muié já véia, na cumpanhia d'um menino magro e besta, dest'amanho?

TRANSEUNTE — O que é que o senhor perguntou?!

CORONEL — Será mouco? Eu pergunto é se o senhor num viu passá pur cá uma muié já véia, na cumpanhia de um menino magro e besta, dest'amanho?!

TRANSEUNTE — Ah! Uma mulher já velha, não é?...

CORONEL — Inhô sim.

TRANSEUNTE — Na companhia de um menino magro e besta?...

CORONEL — Inhô sim.

TRANSEUNTE — Deste tamanho?!

CORONEL — Inhô sim.

TRANSEUNTE — Não vi não senhor. (RETIRA-SE)

CORONEL — Ora, que freguês!... Quano eu cuidava qu'ele ia dá notícia da véuva e do Calu... "num sei não sinhô..."

PEDRO — Não repare isso, não, coronel. Há muita gente, por aqui, assim, trocista. Se der cavaco, é pior.

CABO — É mêrmo.

CORONEL — Num se intromêta, Cabo Quelemente.

CABO — Inhô sim, seu curuné.

PEDRO — Mas coronel, já viu como se acha a Praça do Ferreira, radicalmente transformada?!

CORONEL — É veldade, home. Tá tudo munto demudada. Eu tou quage desconhécendo isto pur aqui. (O. TOM) Cadê os café?

PEDRO — Foram mandados retirar pela Prefeitura Municipal, assim como a Caixa D'água e o gradil, que cercava a Avenida 7 de Setembro. (9) As castanholeiras foram cortadas, outras velhas árvores também, até o célebre e tradicional cajueiro botador, a cuja sombra se procediam às eleições de 1.º de abril, foi igualmente cortado. A época é dos cortes, sabe? Assim o exigem as aperturas financeiras do momento.

(9) Via interna da praça, hoje inexistente.

PEDRO — Até o administrador disto aqui entrou na dança, cortaram-lhe as abas do fraque.

CORONEL — E ôcê acha bom eu torá tomém as aba do meu?

PEDRO — Não, coronel, só quando o efeito dos cortes chegar lá pelo seu sertão.

CORONEL (OLHANDO EM RODA) — Mais deixe lá, home, que ficou mais bonito mesmo, isto pur aqui.

PEDRO — Ficou. Com outro aspecto, não?

CORONEL — Chi!... E que sobradão medonho é aquele qui tão fazendo ali?

PEDRO — Ah! Aquele é de propriedade do Cel. Zé Gentil, que tem aformoseado com os mais belos edifícios; de construção moderna e elegante.

CABO (OLHANDO) — Ôrra diabo! Vai ficá um baita! Arto cumo o dianga!...

CORONEL — Home, dêrna pulo manhã, que nós anda, rua arriba e rua abaixo, e ainda num demo c'ô rasto do Calu, nem da véúva. Num seria bom í da parte à poliça?

PEDRO — Não, coronel. Julgo não ser preciso isto, por enquanto. Vamos nós mesmos procurá-los.

CABO — Naturalmente. (AFASTA-SE)

PEDRO — Tenho um palpite de que em breve nós os encontraremos.

CORONEL — Cabo Quelemente!

CABO — Pronto, seu curuné.

CORONEL — Preste bem atenção a tudo mode vê se descobre o Calu no mêi do povo. Ou ele ou a véúva. Ôcê cunhêce a véúva?

CABO — Cunhêço seu curuné. Ela a modos qui é indiota. Quis me peitá, lá no sertão, pr'eu dá uma sopéca im seu Doutô Manduca.

CORONEL — O que?! Qui muiézinha perigosa!...

PEDRO (QUE TEM ESTADO A ESPREITAR PARA OS LADOS) — Olhe ali, coronel. Dirige-se para aqui, uma senhora, assediada por uma récuca de indivíduos... (O.T.) Certamente desocupados, como eu...

CABO — Chi! É um magote de gente.

CORONEL — Qui churumela será aquela, seu Arregalado?!...

PEDRO (BATENDO NA TESTA) — Ah! Já sei! Já sei quem é!...

CORONEL — Sabe quem é?

PEDRO — Sei, sim, coronel. Aquela senhora é a Política.

CABO — É vistosona.

PEDRO — E aqueles cavalheiros formam a patuléia, certamente, são... cavadores.

CORONEL — E qui dimonhe eles tão cavando?

PEDRO — Talvez alguma colocação. Vou apresentá-lo. O senhor não é político?

CORONEL — Sou, home; dêrna de menino. Eu entrei na Política cum desesseis ano.

Cena IX

Os mesmos, Política e Cavadores.

POLÍTICA — (CANTA)

Sou a Política, senhores,
Sou por todos requestada.
De chaleiras cavadores,
De chaleiras cavadores,
Vivo sempre, assim, cercada...

CAVADORES —

Eis a Política, senhores.
Por nós todos requestada.
De chaleiras cavadores
De chaleiras cavadores
Vive, assim, sempre cercada.

POLÍTICA —

Insidiosa
E assim tão bela,
Esplendorosa,
Irradiante
A mim se atrela
Todo farsante,
sem mais aquela...

CORO —

Insidiosa
E assim tão bela,
Esplendorosa,
Irradiante,
A mim se atrela
Todo farsante
Sem mais aquela...

POLÍTICA —

Há em mim mil seduções,
Que aos coiós deixam pasmados;
Um conjunto de atrações,
Um conjunto de atrações
E de encantos adorados.

CORO —

Há nela mil seduções,
Que nos deixam assim pasmados,
Um conjunto de atrações,
Um conjunto de atrações
E de encantos adorados.

POLÍTICA —

Vejam lá
Ó meus senhores!
Que nutrida carneirada!
De engrossadores,
De cavadores
Vivo cercada.

CORO —

Vejam lá,
Ó meus senhores!
Que nutrida carneirada! . . .
De engrossadores,
De cavadores
Vive cercada.

PEDRO — A senhora já deve conhecer . . .

CORONEL — Pelo meno de nome . . .

PEDRO — O Coronel Pantaleão Montezuma, chefe político de real prestígio no interior do Estado.

POLÍTICA — Realmente, já o conhecia de nome, coronel; e folgo imenso em conhecê-lo pessoalmente.

CORONEL — Brigado, madama. Quem forga sou eu.

1.º CAVADOR (PARA OS CAVADORES) — Com certeza veio cavar alguma nomeação de subdelegado de polícia ou de suplente de juiz.

CAVADORES — Com certeza. Com certeza.

POLÍTICA — E onde fica o seu burgo?

CORONEL — O meu burgo?

PEDRO — Sim, coronel; o lugar onde o senhor é mandão.

CORONEL — Ah, s'a dona; é lá no Quixará. (10)

POLÍTICA — E, se não é indiscrição a pergunta, que negócio o trouxe presentemente à Capital?

CORONEL — Ah! Isto é uma história munto cumprida, s'a dona.

(10) Atual Município de Farias Brito/CE.

Vou contá a vamicê o assucedido. (CANTA)

Lá do Quixará, s'a dona, bis
Onde eu sou o manda chuva,
Vim atrás do Calorindo, bis
qui arribou c'uma véúva.

O Cumpade Fulorindo
Ficou logo agoniado bis

E dixeu pra eu: "Cumpade,
Vá pegá seu afiado..." bis

E antonce, eu me arresolvendo,
Vim atrás desse danado, bis
Truve o Cabo Quelemente,
mais o Pedro Arregalado. bis

Totonha, minha cumade,
A muié do Fulorindo bis
Só farta é ficá maluca
Pro causo do Calorindo. bis
Nós andamo atrás do bruto
Pra pegá-lo pulos cós, bis
Pois só vorto ao Quixará,
Levando o Calu mais nós. bis

POLÍTICA — Então, adeus, coronel. Qualquer coisa de que precise, estou ao seu inteiro dispor. E seja feliz na sua empresa.

CORONEL — Brigado, madama. (POLÍTICA SAI)

1.º CAVADOR — Passar bem, coronel.

2.º CAVADOR — Até logo, coronel

3.º CAVADOR — Seja feliz, coronel.

(SAEM APRESSADAMENTE ATRÁS DA POLÍTICA)

CORONEL — É inté jeitosinha a Política hein, seu Arregalado?

PEDRO — É.

CORONEL — E p'rece qui gosta de dansá...

PEDRO — Gosta, coronel. Dança o maxixe com perfeição.

CORONEL — Apois, home; morrendo e aprendendo. Dêrna de guri qui eu entrei na Política e nunca maginei qui ela dançasse maxixe. Eu jurgava qu'ela fosse mais séra...

PEDRO — Qual seria, coronel. Verdaderamente sérios, só existem hoje os mortos.

CORONEL — E diga, home. E diga. Este mundo véio ta avacaiado mêrmo.

CABO — Tá qui é uma meleca.

Cena X

Os mesmos e Mathias

MATHIAS (ENTRANDO) — Oh! Regalado!

PEDRO — Oh! Camacho!

MATHIAS — Como vais, homem? Há muito tempo não tinha o prazer de encontrar-te.

PEDRO — Estive no interior, rapaz, como auxiliar técnico de uma Estrada de Rodagem.

MATHIAS — Quem é esse velhote?

PEDRO (APRESENTANDO-O) — É o coronel Montezuma, fazendeiro e influência política no Quixará.

MATHIAS — Honro-me em conhecê-lo, coronel. Mathias Camacho, um seu criado.

CABO (APRESENTANDO-SE) — E eu sou o Cabo Quelemente.

CORONEL — Quem foi que chamou tu aqui, cabo Quelemente?

CABO — Num foi ninguém, inhô não.

CORONEL — E depois, home. Guarda a distância.

CABO — Inhô sim, seu coronel.

MATHIAS — O senhor naturalmente veio à Capital a passeio?

CORONEL — Qual passêi. Matuto na praca, é a força do negócio. Apareceu lá no sertão uma véúva daqui, e um afiado meu fugiu mais ela. E antonce eu rim atrás dele.

MATHIAS — Seria a Massu?

CORONEL — Essa mêrmo. Cunhece ela?

MATHIAS — Muito. Encontrei-a, há poucos momentos, na Praça Marquês de Herval, (11) em companhia de um varapau abestalhado.

CORONEL — Depois esse varapau abestaiado é o Calu. Vamo no rasto do bruto, seu Arregalado.

PEDRO — É verdade, coronel.

MATHIAS — Adeus, coronel. Estimei conhecê-lo. Até breve, rapaz. Aparece. Moro na mesma casa. (SAI)

PEDRO — Obrigado, Camacho. Agora, coronel, vamos à cata do casal de pombinhos.

CORONEL — Qui casal de pombim?

PEDRO — O Calu e a Massu.

CORONEL — Vamo, home, vamo. Mas ante, deixe qui eu lhe diga qui quem chama aquele casal de pombim, nunca viu uma parêia de gafanhoto. (SAEM) (D.B.)

(11) Desde 1929, praça José de Alencar.

Cena XI

(Ouve-se gritos fora: “Ei! Olha o matuto! Pega o doido”)

VOZES (FORA) — Ei! Olha o matuto! Pega o doido! Pega!
CALU (ENTRA CORRENDO; AFRONTADO. DEPOIS DE TOMAR FÔLEGO) — Eu me perdi da véuva! Ih!... Foi um istropiço dos dianga!... Nós rinha da Ingreja e fumo passando numa bodega e o dimonho de um caxeiro, foi rendo eu, e foi gritando: “Matuto! Matuto do pé enxuto!... Tu lerra cabelo na venta matuto?!” Aí, eu fiquei danisco, e arrispondi im riba das bucha: “Eu lerro na venta, seu diabo, é um grandíssimo caxeiro...” Chi!... Pra que dimonhe eu dixे isso!... O homezim ficou brabo... “O que matuto sendeiro!”... E arrançou imriba d’eu, e eu arrancei imriba dele. Eu num sou mole não, mas porém quano eu vi o marvado desabotoá o cinturão, o jeito qui eu tive foi... jogá no riado. O dimonhe da véuva, no avêxame do baruio, deu logo uma piloura e começou a saluçá: “Ai! Ai! Vou desmailhá!... Óia a iágua de milissa!... Ai! Ai! Me segure! Me segure!...” E eu fui correndo, fui correndo, e de longe só uvia era os uivo dela e as gargaiada do povo. No carreirão qui eu rinha abarroei cuma muié, qui quage nós vai o barro; ambos os dois. Ou muiézão fermosa!... As fauce tão vremeia; e toda ispritada c’um oroma tão perfumado, chega me deu inté rontade de cheirá o cangote dela. Xeu subesse qui ela num lerrava a mau, pro Deus do Céu, qui eu tinha me astivido. Papocava u’a beijoca bem no canbote! (O.T.) Inté eu, mode coisa, que fiquei cheiroso! (CHEIRA OS BRAÇOS) Agora o diacho da véia bota no cabelo é u’a banha (SOPRA PELO NARIZ) qui só o dimonho agoenta! Fede cumo os seiscentos! E quano acaba diz qui é bansolina!... Ora boca de bansolina... Quem chama aquilo bansolina, num sabe o qui é sebo de hulandra, ou azeite de carrapato! Ou muié feia. (FAZ UMA CARETA) Só sabe é fumá charuti. Acaba um, infia outro; acaba um, infia outro. É rê uma chaminé. Dessas inspéce... tou fora. (O.T.) Eu acho qui fui mais foi imbruiado... Ora ela dixе qui era munto rica, qui pissuía munto do dinheiro, e eu, inté hoje inda num vi de que cô é o dinheiro dela... Teve um préjuízo c’u’a fábrica de rede, e só eu rejo é os acredô prisiguinto ela... Indagorinha no méicado um cutruco queria, pro fina força, qui eu compasse u’a navaia e u’a camisa de meia... Cum quê dinheiro?!... (O.T.) Essa históra tá veaca! Ela dixе qui ia mandá fazê liforme novo, pra eu, no seu Grugel alfaiate (12), quano acaba queria

(12) Alfaiate do Grêmio D. Familiar

era qui eu véstisse as roupa do defunto dela!... Eu tem pra mim qui ela foi muié d'argum macaco... Ora um lifor-
mezim dest'amanho. As carã ficava bem aqui, pulo joêto, e
o palitô rinha batê bem aqui im riba da boca do istombo.
Voute do defunto! Dixe qui tinha u'a bicicleta pr'eu me
amuntá, e inté hoje num ri a tal bicicleta. Essa históra tá
veaca! Eu tenho maginado, e acho que fui mais foi imbruiado!
Eu acho que lerrei foi inspiga!... Eu acho qui lerrei
foi inspiga e das grande!...

Cena XII

Calu e Massu.

VIÚVA (ENTRANDO D.A.) — Ai, Calu!

CALU (NO MESMO DIAPASÃO) Ai, Calu! (O.T.) Lá rem ela
atrás d'eu.

VIÚVA — Pois tu tiveste a coragem de abandonar-me em meio
daquele barulho horrível!... Quase morro de susto.

CALU — Ai, meu Deus!...

VIÚVA — Isto é lá procedimento de homem, Calu!

CALU — Taí... Pressas coisa eu num sou home mêrmo não. Ora,
ora... Eu num sou besta não, vio?! Eu num vou pa brigá
não.

VIÚVA — E para que foste insultar o homem?!

CALU — Apois é o mais qui eu posso fazê... é insurtá, mais po-
rém brigá... posso o que!...

VIÚVA — E nem eu quero que tu brigues, Calu.

CALU — Nem qui ôcê querêsse.

VIÚVA — Não faças outra, Calu! peço-te. Ainda tenho o coração
em sobressalto, o corpo todo me treme.

CALU — Apois antonce beb'água de mulissa.

VIÚVA (A PARTE) — Água de milissia!... Quanto cuidado!...
Como ele me ama!... (ALTO) Então?! Tu me queres mui-
to, Calu?...

CALU — Eu quero é qui ôcê vá me amostrá o má.

VIÚVA — Pois vamos lá. Vou mostrar-te o mar, e em seguida o
Passeio Público.

CALU — Ôrra dianga!... Eu rou vê o má!

VIÚVA — Vamos, coração. (SAI CONDUZINDO CALU POR UM
BRAÇO/D.B.)

Cena XIII

Passeio Público (13)

(ALMOFADINHA E MELINDROSA ENCONTRAM-SE)

ALMOFADINHA (LÍRICO) — Minha flor!

1.º MELINDROSA — Queridinho!

ALMOFADINHA — Andava à tua procura, coração. Quando não te vejo, fico tão triste!...

1.º MELINDROSA — Assim, meu anjo?!

ALMOFADINHA — Podes crer, ó lindo arcanjo do Senhor. Minh' alma, quando não divisa o teu adorado vulto, busca-te, aflita, como a rola a quem roubam o companheiro amado. Preciso de teu afeto, como a flor precisa do tépido raio de sol para viver; preciso de teu carinho, como o pobre funcionário público precisa de uma criatura amável, a quem possa vender os vencimentos em atraso, para não morrer de fome!...

1.º MELINDROSA — Que lirismo!

ALMOFADINHA — Eu sempre fui assim, minha amada... Todo lirismo!

(APARECE AO FUNDO, E. A., 2.º MELINDROSA)

1.º MELINDROSA — Alguém se dirige para aqui. Até mais logo, adorado Almfadinha.

ALMOFADINHA — Até breve, angelical criança!...

(2.º MELINDROSA DESCE, E ALMOFADINHA DIRIGE-SE A ELA) Minha flor!

Andava à tua procura. Quando não te vejo, fico tão triste!

2.º MELINDROSA — Sim?!

ALMOFADINHA — Sim; ó meigo querubim dos céus. Minh' alma quando te não vê, busca-te, aflita. Preciso de teu carinho, como a flor precisa do tépido raio de sol para viver!... Ao teu contato, (PEGA-LHE NAS MÃOS) meu coração, terno palpita. Nascemos um para o outro.

2.º MELINDROSA (RECEOSA) — Não nos vá alguém surpreender neste aconchego!... (OLHAM PARA OS LADOS)

ALMOFADINHA — Melindrosa!

(13) Tradicional logradouro público fortalezense, situado entre o Quartel General da 10.ª Região Militar e a Santa Casa de Misericórdia. Sobre suas famosas avenidas, veja comentário n.º 8 e cena 3 da peça "O Casamento da Peraldiana".

2.º MELINDROSA — Almofadinha! (CANTAM)
Como a meiga sensitiva,
Timorata e cautelosa,
Eu me mostro assim esquiva,
Pois sou toda melindrosa...

ALMOFADINHA —
E eu sou todo acandocado. (14)
Caio o rosto e uso anquinha.
Ando assim, espartilhado,
Verdadeiro almofadinha...

2.º MELINDROSA —
Quando alguém vem sorridente,
Pro meu lado, com remoques,
Eu lhe digo, incontinentemente:
“Não me bulas; não me toques”...

ALMOFADINHA —
E se bela criatura
Me lança um olhar dengoso
Fico, então, todo ternura,
Num requebro caviloso...
(DANÇAM)

Cena XIV

Os mesmos, Coronel, Pedro e Cabo Quelemente.

CORONEL (AO FUNDO) — Ói ali, seu Arregalado, aquele chodó!...
(ALMOFADINHA E MELINDROSA VENDENDO-OS VÃO A SAIR)

CABO — Qué qui eu prenda, seu curuné?

CORONEL — Qui prenda o que, cabo Quelemente!... Ocê pensa qui tá lá no sertão?!... Vá se metê nessa qu'ocê sai esbodegado.

PEDRO — Aquilo que você presenciou, coronel, foi um idílio.

CORONEL — Um idílo?

PEDRO — Sim, coronel. O que vocês lá no sertão chamam xodó; nós aqui chamamos é idílio. O que o senhor viu foi uma almofadinha e uma melindrosa.

CORONEL — Armofada e melindrosa?!

(14) Com comportamento semelhante ao do personagem “Candoquinha” da burleta “O Casamento da Peraldiana”. Corresponde a todo almofadinha, meio efeminado.

PEDRO — Sim, coronel. Ele, o senhor viu, é todo adamado, todo dengoso, todo cheio de requebrões.

CORONEL — É metido a muié!...

PEDRO — Perfeitamente. Pinta o rosto e usa anquinha.

CORONEL — Ou c'os diabo! Isto assim já passa a iscandêlo.

CABO — É uma méséra. Um home é um home... e um bicho é um bicho!...

PEDRO — E ela é toda: “Não me bulas”... “Não me toques!” Tocou, derrete-se.

CORONEL — Antonce é cumo a malissa, lá no sertão. Tocou, murchou...

PEDRO — É tal e qual, coronel.

CORONEL — E o Calu, seu Arregalado, qui nós num encontra! Já tou derrengado de tanto andá.

CABO — E eu. seu curuné.

CORONEL — Um passo à retaguarda, Cabo Quelemente. Mida a distância qui nos supara.

CABO — Inhô sim, seu curuné.

PEDRO — Quanto ao Calu, coronel, havemos de encontrá-lo. Vamos ao Pavilhão Atlântico. Quem sabe se eles não estão por lá?! Matuto quando chega aqui a primeira cousa que quer é ver o mar.

CORONEL — É o Pravião do seu Zeca Rôla, num é? Nós já tivemo lá.

PEDRO — Já, coronel. É hoje um dos melhores logradouros desta capital.

CORONEL — Logradô? E qui dimonhe é logradô, home?! Lá no sertão nós tem é matadô...

PEDRO — Logradouro, coronel, é qualquer ponto de reunião franqueado ao público. Aqui, os logradouros vivem repletos. O povo diverte-se. Ninguém faz caso da crise, nem do câmbio.

CORONEL — É o que vem a ser cambo, seu Arregalado, que eu só conheço é de nome.

PEDRO — Câmbio, coronel?

CORONEL — Sim, home.

PEDRO — Câmbio é... é u'a cousa, sabe,

CORONEL — Ah! É u'a cousa!...

PEDRO — Sim, coronel, é u'a cousa que... que lateja, entre o mar e a terra.

CORONEL — Ah! Antonce, seu Arregalado, cambo é u'a cousa qui lateja, entre o mar e a terra!

PEDRO — Perfeitamente, coronel.

CORONEL — Apois vamo lá, home, qui eu quero vê se vejo esse danado latejando. (SAEM)

Cena XV

(Entra um grupo de moças, alegremente, rindo-se, etc.)
(CANTAM)

1.º PASSEANTE —

Viva o prazer! (Bis)
Com ufania,
Brademos juntas:
Viva alegria!...

CORO —

Viva o prazer! (Bis)
Com ufania,
Brademos juntas:
Viva alegria!...

Viva o prazer
Que as almas extasia!

2.º PASSEANTE —

Assim tafuis e gracies,
Em pleno viço e fulgor,
Somos as flores sutis
Deste Éden de amor!

CORO —

Assim tafues e gracies
Em pleno viço e fulgor,
Somos as flores sutis
Do amor!...
Flores gentis

De inebriante olor!...

3.º PASSEANTE

Em nosso olhar (Bis)
Quanta doçura!...
E no sorriso
Que formosura!...

CORO —

Em nosso olhar (Bis)
Quanta doçura!...
no sorriso
Que formosura!...
E neste riso
Existe só ternura!...

4.º PASSEANTE —

Se um colibri de encantar
Divisa formosa flor,
Quer logo prestes sugar
Doce néctar de amor!

CORO (REPETE E ACRESCENTA):

Bem sabe amar
O lindo beija-flor!...

Cena XVI

As mesmas e Calu

CALU (ENTRA AO FINDAR O CANTO, E VEM TOMANDO CHEGADA TOCANDO REALEJO) (TIRANDO O REALEJO) —
É cada meninão monita! (TOCA NOVAMENTE)

1.º PASSEANTE — Vejam que tipo ratão!... Vamos troçá-lo,...
TODAS — Vamos! Vamos!

1.º PASSEANTE — Venha cá, mocinho. Você anda passeando?...

CALU (TIRANDO O REALEJO) — Eu ando. Eu rim c'a Mussu.

TODAS (RINDO-SE) — C'a Mussu?!

CALU — Inhora sim. Ela ficou roendo um tal de sorvête; quente
cumo os dianga, chega fumaça; e eu m'iscapuli.

1.º PASSEANTE — Como é que você se chama. É Totonho?!

CALU — Inhora não. Totonho é bicho de pé. (TODAS RIEM)
Eu me chamo é Calu.

1.º PASSEANTE — Você é daqui mesmo?

CALU — Inhora não. Num sou daqui. Pére aí qui rou já desenrolá
a minha história, mode vamicê ficá sabendo.

PASSEANTE (1.º) — Pois vamos ver lá isso.

CALU — (CANTA)

Eu num sou daqui não.

CORO — Não é não?!

CALU — Eu sou lá do sertão.

CORO — Do sertão?!

CALU — E rim ao Ceará,

CORO — Olá!...

CALU — Só pra mode casá.

CORO — Pra casá?!

CALU — Eu num sou daqui não.

CORO — Não é não?!

CALU — Eu sou lá do sertão.

CORO — Do sertão?

CALU — E agora eu rim ao Ceará

Só pra mode me casá.

Eu rim de lá fugido,

Mais já tenho é maginado...

E tou quage arrependido.

Acho qui fui imbruiado.

CORO — Veio de lá fugido,
Porém, já tem maginado
Está quase arrependido.
Acha que foi embrulhado.

CALU — Não sei,
Não sei por que,
Já num quero casá.
Antes, antes vivê
Lá no meu Quixará.
Não sei,
Não sei por que,
Já num quero casá.
Antes, antes vivê
No Quixará.

CORO — Não diz,
Não diz porque,
Já não quer mais casá.
Deseja antes vivê
Lá no seu Quixará.

Não diz,
Não diz por que
Já não quer mais casá.
Deseja antes vivê
No Quixará.

CALU — Que caso afobado

CORO — Afobado?! . . .

CALU — Eu tou mais qui danado.

CORO — Danado?!

CALU — Já queria vortá

CORO — Vortá?!

CALU — Pr'onde está o papá.

CORO — O papá?!

CALU — Que casóro afobado

CORO — Afobado?!

CALU — Eu tou mais qui danado.

CORO — Danado?!

CALU — E agora eu queria vortá

Lá pr'onde está o papá.

CORO — Senhores, na verdade,

É coisa muito rara

Ver-se aqui na cidade

Um matuto assim arara!

(AO REPETIREM A QUADRA, DANÇAM A RODA DE
CALU, E ENTRA MASSU.)

Cena XVII

Os mesmos e Massu.

VIÚVA — Santo Deus! É o Calu!

CALU (GRITANDO) — Sou eu mêrmo.

VIÚVA (BRIGANDO) — Larguem o menino. Deixem de judiação!

CALU (IDEM) — Judiação o que! Tá bom o forguedo qui tá danado!

VIÚVA — Vocês não estão ouvindo o que lhes estou dizendo?!...

(AS MENINAS TROÇAM DELA E SAEM ÀS GARGALHADAS) (CALU QUER ACOMPANHÁ-LAS MASSU SEGU-
RA-O) Vem cá, Calu. Pra onde vais?

CALU — Deix-eu í radiá mais elas.

VIÚVA — Que radiá, coisa tola! Elas estão é mangando de ti.

CALU — Tão mangando lá nada! Elas simpatizaram logo com eu. (O.T.) Pra qui foi que ôcê vêi impatá o forguedo!...

VIÚVA — Não te fica isto bem, Calu. Em véspera de te tornares pai de família...

(BASTIÃO APARECE)

CALU — Eu num querc sê pai de famia não. O dimonhe é quem qué!...

Cena XVIII

Os mesmos e Bastião

BASTIÃO (À PARTE) — Mais que coisa pa se paricê c'ô Calu!...

VIÚVA (BATENDO-LHE NO OMBRO) — Não te zangues, Calu.

CALU (FUGINDO COM O CORPO) — Eu num gosto desses agar-
rado, não.

BASTIÃO (À PARTE) — A modos que ela chamou ele Calu. (AL-
TO) Ou Calu!

CALU — Ôi! (À PARTE) Qui home será esse?! Tão amareloso
Mode com qui come viço...

BASTIÃO — Vem cá. Tu é fio do Fulorindo do Quixará?!

CALU — Sou, inhô sim.

BASTIÃO — Calu!... (ABRAÇA-O COM FORÇA)

CALU (GRITANDO) — Ai, home!

VIÚVA (AFLITA) — Não o asfixie, senhor!...

BASTIÃO (SOLTANDO) — Tu num me cunhece não?!

CALU (TOMANDO FÔLEGO) — Cunheço, inhor não.

BASTIÃO — Apois tira o chapéu e toma a benção.

CALU — Pr'eu tomá a benção? E a quem? A Massu?

BASTIÃO — A eu.

CALU — E pru via de que?!

BASTIÃO — Eu sou teu ti Bastião.

VIÚVA — Seu tio?

CALU — É meu ti Bastião?! Sua benção tití. Vamicê num tava nos Almazona?
 BASTIÃO — Cheguei ontem, Calu.
 CALU — O tití rêi no vapô do má?
 BASTIÃO — Vim.
 CALU — Eu ri o má... Ou masão medonha. Munto mais malhó que o arçude de meu padrim.
 BASTIÃO — Quê tu vêi fazê no Ceará?
 CALU — Eu rim aqui c'a Massu.
 VIÚVA — Veio comigo, senhor, conhecer a Capital.
 BASTIÃO — Ah! Vêi cum vamicê?! E cuma deixou tudo pur lá, Calu?
 CALU — Tudo tá bom, tití.
 BASTIÃO — Vamo se assentá acolá no café mode você me dá notícia da nossa gente. Há tempo não arrecebia carta.
 CALU — Ramo. (VÃO A SAIR/À PARTE) O tití tá impambado. (SAEM OS TRÊS)

Cena XIX

Foot-Ball, Torcedoras e foot-ballistas.

FOOT-BALL E TORCEDORAS —

Belo e gentil,
 Eis o Futebol!

CORO —

Goal!

FOOT-BALL —

Belo e gentil,
 Eis o Futebol!

Apreciado
 Por nosso escol.
 Num short (Bis)
 Sou endiabrado!

TORCEDORAS —

Belo e gentil,
 Eis o Futebol!

CORO —

Goal!

TORCEDORAS —

Belo e gentil,
 Eis o Futebol!

Apreciado
 Por nosso escol.
 Num short (Bis)
 É endiabrado,

Assim endiabrado.

FOOT-BALL —

Tão culminante
Em atrações tentadoras,
Me aplaudem, garridas,
Gentes torcedoras!

CORO —

É culminante
Em atrações tentadoras,
O aplaudem, garridas,
Gentes torcedoras!

FOOT-BALL —

Vejam, senhores
As minhas cores (Bis)

CORO —

Goal!

FOOT-BALL —

Como são lindas
E flamejantes!
Dos teams (Bis)
São as mais brilhantes!

TORCEDORAS —

Vejam, senhores,
As suas cores
Como são lindas
E flamejantes
Dos teams (Bis)
São as mais brilhantes.
São, assim, mais brilhantes!

(SAEM DANDO VIVAS AO FOOT-BALL E AOS CLUBES EXISTENTES: FORTALEZA, CEARÁ, GUARANY, BANGU, ETC.) (15)

(ENTRAM CORONEL, PEDRO E CABO)

Cena XX

Coronel, Pedro e Cabo Quelemente

CORONEL — Chi!... Que povaréu é esse, seu Arregalado?...

PEDRO — São entusiastas do Foot-ball.

CORONEL — Do Foot, seu Arregalado?

PEDRO — Do Futebol, coronel.

CORONEL — E o qui é qui vem a sê futebol, seu Arregalado?

PEDRO — É um esporte, coronel, um exercício ao ar livre. Está na moda, sabe?! Aquelas moças são torcedoras.

(15) 1920, ano da peça, é marco do 1.º campeonato de futebol disputado por clubes cearenses.

CORONEL — Trocedora? E o qui dianga é qu'elas tão trocendo, seu Arregalado?!

PEDRO — Torcem... Sim torcem a favor dos clubes de que são apologistas.

CORONEL — Depois, seu Arregalado, s'eu demorasse pro cá, eu acho qui eu acabava trocendo mais elas. (RI-SE)

CABO (INTROMETENDO-SE) — E eu, seu curuné, e eu tomém.

CORONEL — Cabo Quelemente! Num se intrometa im cunversa de home, Cabo Quelemente.

CABO (AFASTANDO-SE) — Inhô sim, seu curuné. (SOBE)

PEDRO — O Futebol, entre nós, está assumindo foros de cidade. O senhor vê, coronel; por toda parte por onde a gente anda, nos bondes, nos cinemas, nas avenidas, só se ouve falar em matchs, teams, equipes, goal, shoots, córners, score, goal-hiper, half-time e off-side...

CORONEL — Ôrra diabo! Abasta, home; abasta! Ocê assim s'in-tala!...

CABO (DESCENDO APAHORADAMENTE E GRITANDO) — Seu curuné! Seu curuné!...

CORONEL — O qui foi home?! Tá ficando doido?!

CABO — Seu curuné, lá rem o Calu c'a véuva.

CORONEL — O Calu?! Ramo pegá o bruto, seu Arregalado!

PEDRO — Vamos, coronel. Vamos estabelecer o cerco. Cabo Quelemente, esconda-se desse lado que eu me vou ocultar acolá (EXECUTAM) com o coronel. Quando eu der o sinal, avancem ambos ao mesmo tempo.

Cena XXI

Os mesmos, Calu, Massu e Bastião.

(ENTRAM OS TRÊS; CALU VEM NO MEIO E MAIS ATRÁS)

CALU — Depois, Massu, eu quero u'a bola daquela mode eu radi...
(CORONEL E CABO SALTAM DOS LADOS E AGARRAM-NOS PELOS BRAÇOS)

CORONEL — Tá garrado!

CABO (AO MESMO TEMPO) — Teje preso!

CALU — Ui!... (RECONHECENDO O CORONEL) Ai, home! É meu padrim! Sua benção, meu padrim. (OLHANDO PARA O CABO) Cabo Quelemente!

CORONEL — Tá becado!...

CABO — Cunheça bichim!...

VIÚVA — Soltem o menino.

CORONEL — Qui sorte o menino, sinha véia! Ele vai é mais eu pro Quixará.

CALU — E eu quero í mêmro.

CORONEL — Antonce tu qué í mêmro?! Sem arresistencia?!

CALU — Tai!... Sem arresistência. Eu já tou cum sordade... da Norata e da mamãe.

CORONEL — E do papai, ocê num tem não?!

CALU — Eu não. O papai puxa minha urêia...

VIÚVA (À PARTE) — Mas é impossível!... Eu ficar assim sem o Calu!... (PASSEIA IMPACIENTEMENTE)

BASTIÃO — Mais agora é que eu arreconheci seu curuné Montezumba.

CORONEL (À PARTE) — De que sumitero terá fugido esse comelongo?

CALU — É o tití Bastião, meu padrim.

BASTIÃO — Eu sou o Sebastião Canapum, lá do Quixará, qui tinha imbaicado pros Almazona no 15.

CORONEL — Bastião?! É tu?!... Nesse instado.

BASTIÃO — Ah, seu curuné o Almazona me avacaiou pra toda vida. (CONVERSAM).

VIÚVA (APROXIMANDO-SE DE CALU) Calu, não sejas ingrato!...

CALU (ARREMEDANDO-A) — Calu, não sejas ingrato!...

VIÚVA — Tu me abandonas?! Voltas para o sertão?!

CALU — Eu vorto. Agora eu vou é gostá de novo da Norata.

VIÚVA — Mas eu já mandei correr os banhos...

CALU — Apois agora eu rou tomá banho é no rie, lá no sertão.

VIÚVA — Eu sou rica...

PEDRO (AO CORONEL) — Ela é rica, hein. É rica?

CORONEL — Eu já uvi dizê que ela tem munto dinheiro.

CALU — Eu num quero mais sabê de diabo de dinheiro não.

VIÚVA (ABANANDO-LHE) Ah! Patife!... Patife!... Vou desmaiar. Ai! Ai!

PEDRO — Um momento, excelentíssima; não desmae já não. Eu tenho a honra de apresentar-me; Pedro Regalado, um seu criado; e proponho-me para substituir o Calu, no seu afeto. E olhe que a senhora sai ganhando na festa...

VIÚVA — O senhor?! O senhor quer ser meu esposo?!

PEDRO — Quero, excelentíssima.

VIÚVA — Ai, meu Deus, que alegria!... Vou desmaiar.

PEDRO — Por favor, excelentíssima, não desmae, por enquanto... O meu pensamento vai concentrar-se, de ora avante, na tua felicidade... (O.T.) Permita-me que a trate por tu, para eu ir logo me acostumando... (CONTINUANDO) Na tua felicidade e no dinheiro... E no dinheiro não. De dinheiro eu nunca fiz caso, excelentíssima.

VIÚVA — Ai! Meu Deus! Como eu vou ser feliz!... (PARA CALU) Não faço mais caso de ti não, palerma!

CALU — E nem eu de tu, véia feia

VIÚVA — Vou casar-me aqui, com o sr. Pedro Re...

PEDRO — Galado, excelentíssima. Regalado.

TODOS (ESPANTADOS) — Com seu Arregalado?...

PEDRO — Sim, meus senhores. Um casamento de amor.
CORONEL — E nós vai já se aperpará mode vortá o Quixará.
BASTIÃO — E eu aporveito as cumpanhia. Ramo junto.
CALU — Ôrra diabo! Eu rou vê de novo a Norata!
PEDRO — Excelentíssima, permite que lhe oscule a mão? Um casto beijo de puro e infindo amor.
VIÚVA — Beije. Beije. (PEDRO BEIJA-LHE A MÃO) Ai! Ai!
CALU (ARREMEDANDO-A) — Ai! Ai!...
CORONEL — Esse seu Arregalado é sévergonha mêrmo. (O.T.)
Ramo minha gente!
CABO, CALU E BASTIÃO — Ramo!
CALU — Ai! Home! (SACA A BALADEIRA E O REALEJO E DIRIGE-SE A MASSU) — Ocê num qué a baladeira e o vialejo mode dá a ele não?!
VIÚVA — Leve. Leve. Ele lá faz conta disto, idiota.
CORONEL — (CANTA)

Para o sertão, sem mais demora,
Nós vai seguir agora.
Arrebocando o Calorindo
Pro Quixará nós vai partindo.

CORO —
Para o sertão, sem mais demora,
Vão regressar agora
E rebocando o Calorindo
Pro Quixará vão já partindo.

CALU —
Quero vortá, (Bis)
Cum gosto inté.
Ola!
Pro Quixará
Olé!
Quero vortá.
Ola!

CORO —
Já quer voltar (Bis)
Com gosto até.
Ola!
Pro Quixará
Olé!
Quer regressar!...

VIÚVA —
E eu vou casar com o Regalado,
Vou ser feliz então;
O tal Calu, aparvalhado,
Pode voltar para o sertão!

CORO —

E vai casar com o Regalado,
Vai ser feliz então;
O tal Calu, aparvalhado,
Pode voltar para o sertão.

CALU —

Quero vortá, (Bis)
Com gosto inté!

Olá!

Pro Quixará.

Olé!

Quero vortá.

Olá!

CORO —

Já quer voltar (Bis)
Com gosto até.

Olá!

Pro Quixará

Olé!

Quer regressar! . . .

Fim

26/Novembro/1920